

DESAFIOS DA PESQUISA COM FLUXOS MIGRATÓRIOS RECENTES: PORTUGUESES E LUSO-AFRICANOS EM SÃO PAULO

Zeila de Brito Fabri Demartini

Daniel de Oliveira Cunha

Elen Doppenschmitt

Resumo: Neste artigo são focalizados os desafios enfrentados em pesquisa atual sobre fluxos migratórios recentes de portugueses e luso-africanos em São Paulo. O estudo aborda o período do pós-guerra, especialmente as décadas de 1970 e 1980, procurando conhecer melhor esse fluxo. Nesse período, às motivações econômicas, sempre presentes, somam-se as pressões políticas das difíceis e complexas realidades portuguesa e africana, que foram importantes na determinação de uns deslocamentos, diferenciando-os das levadas migratórias anteriores. Explorar as complexas teias envolvidas na vinda desses imigrantes oriundos de Portugal e da África nesse período, sua inserção na sociedade paulista e as relações estabelecidas com a já antiga e sedimentada “colônia” portuguesa existente em São Paulo é o objetivo central desta pesquisa. Discutem-se as dificuldades e as opções realizadas para a abordagem da temática.

Palavras-chave: metodologia de pesquisa. imigração recente. portugueses e luso-africanos.

Este estudo focaliza o período do pós-guerra, especialmente as décadas de 1970 e 1980, procurando conhecer melhor os fluxos migratórios de pessoas de origem portuguesa, que aí parecem assumir motivações diferentes dos períodos anteriores – além da vinda de portugueses residentes em Portugal, há também o fluxo dos portugueses e descendentes que residiam nas colônias portuguesas da África. Nesse período as pressões políticas das difíceis e complexas realidades portuguesa e africana, além das motivações econômicas, sempre presentes, foram importantes na determinação desses fluxos, diferenciando-os das levadas migratórias anteriores (RIBEIRO, 1996; ROCHA-TRINDADE, s.d.; LOBO, 1994). Explorar as complexas teias envolvidas na vinda de imigrantes portugueses nesse período, sua inserção na sociedade paulista e as relações estabelecidas com a já antiga e sedimentada “colônia” portuguesa existente em São Paulo é o objetivo central. Dessa forma tentaremos visualizar como se configurou o processo migratório, as vivências das famílias e a construção de identidades nesse novo contexto de adoção, assim como as relações estabelecidas com instituições já existentes e as por eles criada e os laços mantidos com o contexto de origem..

Neste artigo abordamos algumas questões que a pesquisa sobre essa temática nos foi colocando.

Ao nos preocuparmos com a imigração para o Estado de São Paulo de famílias de origem portuguesa nesse período pós-guerra consideramos que duas podem ter sido suas procedências: 1) os que vieram de Portugal, especialmente após a Revolução dos Cravos e 2) os que vieram da África, durante as guerras coloniais e após a independência de Angola e Moçambique, principalmente (RIBEIRO, 1996).

É preciso observar que a literatura sobre esses dois movimentos migratórios é ainda muito restrita: são raros os estudos voltados para essa temática, especialmente quando se trata do Estado de São Paulo.

Como já analisamos nas pesquisas que realizamos sobre famílias portuguesas que chegaram à área metropolitana de São Paulo no período de - 1890-1930, o imigrante português é quase ausente na literatura sobre a imigração em São Paulo, mesmo nos períodos em que entrou em grandes levas, como durante a Primeira República. O contexto paulista e paulistano, em que a forte presença de imigrantes de outras origens – italianos, alemães, japoneses, búlgaros etc. – mais “estranhas” ao brasileiro local (fosse ele branco, índio ou negro), teria permitido aos imigrantes portugueses uma inserção em parte diferenciada dos outros grupos: não enfrentavam o problema da língua, podendo freqüentar as mesmas escolas públicas e particulares que os habitantes das cidades e vilas; eram, geralmente, católicos, como a maioria local; seus valores e cultura permeavam em grande parte a cultura local, como colonizadores que foram. Esse “disfarçamento” enquanto imigrante pode ter, de certa forma, também contaminado a produção científica sobre o tema, ficando esses imigrantes quase sempre esquecidos quando o tema é imigração em São Paulo (DEMARTINI, 2004). Em nossos estudos abordamos o período em que houve uma forte imigração portuguesa que chegou a superar a italiana, por volta dos anos 1920. Analisamos não só o processo migratório, mas a inserção das famílias desses imigrantes no contexto paulistano, por meio de entrevistas com gerações sucessivas de cada família (DEMARTINI, 2001); também procuramos conhecer as instituições a que se vinculavam essas famílias, assim como as que foram por eles criadas como luso-brasileiras. Para tanto, consideramos as relações que estabeleceram nos vários campos: econômico, cultural, familiar, político, religioso (DEMARTINI, 2002).

Também trabalhamos com documentos do período, obtidos mediante consultas a arquivos. Procuramos localizar as publicações da imprensa voltada para a colônia portuguesa do período, em São Paulo, analisando o conteúdo dos números encontrados de alguns jornais e revistas, que foram importantes para apreender as preocupações que acompanham o grupo durante a Primeira República.

No período posterior à Segunda Guerra Mundial, os portugueses reconhecidos como tais na região metropolitana de São Paulo não são indiferentes à população, especialmente porque pertencem a muitos imigrantes estabelecimentos comerciais fundamentais no cotidiano das cidades: são donos de grande parte das padarias, lojas, de postos de gasolina, motéis etc. Dificilmente o morador da Grande São Paulo não cruza com um imigrante português ou seu descendente no seu dia a dia. O volume de piadas sobre “português” possivelmente tem muito a ver com esta presença que talvez incomode, de alguma maneira (a ser pesquisada). Por que, então, a ausência de discussões sobre essa imigração mais recente, tanto no Brasil, como na Europa?

Em primeiro lugar, é preciso considerar que tratar da história do tempo presente não é fácil, conforme já nos alertou Hobsbawm (1991). Para Portugal, país colonizador durante séculos, recém saído de uma longa ditadura, muitas são as questões que as últimas décadas lhes colocaram, tanto com relação à reconstrução interna do país, pós-Revolução de 25 de Abril, como com relação ao difícil processo de independência das colônias da África.

Eduardo Lourenço (1999), escritor e ensaísta português, ao escrever sobre Portugal e seus problemas, em artigo sugestivamente intitulado “Portugal como destino”, chama a atenção para o silêncio desse país (e de seus estudiosos e políticos) sobre o pós 25 de abril. Critica a ausência de reflexão sobre Salazar e seu governo assim como sobre as guerras na África. Alguns trechos são sugestivos:

É paupérrima a literatura sobre Salazar, quer memorial, quer ideológica, política, econômica, financeira e cultural. Permitimo-nos perder meio século de vida nacional como quem perde a última camisa que vestiu. Não valia a pena o personagem? Viveu o país durante o seu longo reinado apenas aquilo que na ótica de uma oposição ou oposições nunca desencorajadas é digno de ser retido como relevando da epopéia e tudo o mais da insignificância? Nem na Itália, nem na Alemanha - pesada cruz - nem na União Soviética, hoje Rússia, onde a tentação de sepultar no esquecimento era uma espécie de dever ou reflexo nacional, tal fenômeno de não-existência póstuma se produziu. Nem na Espanha, onde Franco subiu ao poder por cima de tanto cadáver, o personagem e o seu tempo desapareceram com tanta presteza da paisagem.

Como desapareceu, embora menos, tudo o que respeita à África, talvez porque o Estado Novo e o seu chefe, não sem motivos, são julgados à luz de um desastre final que continua sem leitura, no passado e no presente. Um desastre que ninguém quis, na época, endossar, e que lido às avessas se converteu no ato fundador da Nova Democracia portuguesa. Como não se podia evocar um, não se podia visitar o outro (LOURENÇO, 1999, p. 139).

Analisar, nesta nova etapa proposta, a inserção dos novos imigrantes do pós-guerra no contexto destes diferentes espaços (São Paulo e ABC) parece-nos um desafio promissor para um melhor conhecimento da história da imigração no estado de São Paulo. Quando pensamos nos processos migratórios de famílias provenientes de Portugal e da África após a Revolução em Portugal e os movimentos de independência, muitas foram as questões que se colocaram para investigação:

- Quem veio de Portugal e dos países africanos nas décadas de 1970 e 1980? Em que condições?
- Seriam semelhantes os motivos dos imigrantes de origem portuguesa para se dirigirem a São Paulo, vindos diretamente de Portugal ou da África?
- com que redes de apoio cada grupo contou? participaram aqui dos mesmos grupos e instituições? como foram vistos pela população luso-brasileira mais antiga?
- que relacionamentos mantiveram com o país de origem? deixaram parentes? voltaram em algum momento?
- em que atividades se inseriram na área metropolitana?

- que capital cultural e educacional apresentavam no momento do processo migratório? de que modo estes capitais deram suporte aos processos de inserção e integração econômico-social no novo contexto?
- que capital econômico-financeiro tinham no país de origem? de que modo puderam usufruí-lo no contexto de chegada? remetiam dinheiro para o país de origem?
- que conflitos identitários esse processo migratório e as novas vivências lhes colocaram?
- o que representou a vivência em São Paulo para os que vieram de Portugal? e para os que vieram da África?
- o que representou a vivência no ABC paulista para os que vieram de Portugal? e para os luso-africanos?

A análise dos fluxos migratórios de portugueses e africanos no pós-guerra envolve assim dificuldades várias. Trata-se de um período ainda recente, com poucos estudos anteriores que possibilitem uma melhor delimitação da problemática a ser pesquisada, assim como a localização de fontes de informações (SANTOS, 1997, p. 42). Ribeiro (1996), ao tratar das migrações Angola-Brasil, problematiza a ausência de dados sobre os fluxos da África para o Brasil:

Registros de imigrantes oriundos da África para o Brasil, no período entre a abolição do tráfico de escravos e o início da década de 1970, não foram encontrados por este autor. A imigração de africanos é discriminada nas estatísticas brasileiras apenas entre 1970 e 1973, e assim mesmo esta informação aparece em quantidades praticamente insignificantes e sempre referidas a países do norte da África. Com relação à África Sub-sahariana, esta é apenas discriminada em 1980, e somente para nove naturalizações concedidas a moçambicanos. Por ser insignificante, para os demais anos, a imigração da África aparece incluída no grupo designado como de 'outras origens' (RIBEIRO, 1996, p. 123).

As observações desse autor são fundamentais para que se possa compreender a complexidade destes fluxos migratórios, pois não há clareza nem sobre as origens espaciais desses imigrantes. Como Ribeiro (1996) verificou em seu estudo, o fluxo migratório da população dos territórios africanos com o processo de descolonização das colônias portuguesas foi grande:

Esta migração, entretanto, deu-se sob a nacionalidade portuguesa, com Portugal como ponto de partida, para onde estes migrantes haviam sido afastados, face à ameaça do comunismo naqueles territórios e principalmente pelo reinício da guerra em Angola. Por esse motivo, para este período, o estudo da imigração de africanos oriundos das ex-colônias portuguesas no Brasil só é possível quando feita a partir da análise da imigração de portugueses. Para os demais países africanos, uma alternativa é a análise dos registros da imigração agrupados em 'outras origens' (RIBEIRO, 1996, p. 123).

- que capital cultural e educacional apresentavam no momento do processo migratório? de que modo estes capitais deram suporte aos processos de inserção e integração econômico-social no novo contexto?
- que capital econômico-financeiro tinham no país de origem? de que modo puderam usufruí-lo no contexto de chegada? remetiam dinheiro para o país de origem?
- que conflitos identitários esse processo migratório e as novas vivências lhes colocaram?
- o que representou a vivência em São Paulo para os que vieram de Portugal? e para os que vieram da África?
- o que representou a vivência no ABC paulista para os que vieram de Portugal? e para os luso-africanos?

A análise dos fluxos migratórios de portugueses e africanos no pós-guerra envolve assim dificuldades várias. Trata-se de um período ainda recente, com poucos estudos anteriores que possibilitem uma melhor delimitação da problemática a ser pesquisada, assim como a localização de fontes de informações (SANTOS, 1997, p. 42). Ribeiro (1996), ao tratar das migrações Angola-Brasil, problematiza a ausência de dados sobre os fluxos da África para o Brasil:

Registros de imigrantes oriundos da África para o Brasil, no período entre a abolição do tráfico de escravos e o início da década de 1970, não foram encontrados por este autor. A imigração de africanos é discriminada nas estatísticas brasileiras apenas entre 1970 e 1973, e assim mesmo esta informação aparece em quantidades praticamente insignificantes e sempre referidas a países do norte da África. Com relação à África Sub-sahariana, esta é apenas discriminada em 1980, e somente para nove naturalizações concedidas a moçambicanos. Por ser insignificante, para os demais anos, a imigração da África aparece incluída no grupo designado como de 'outras origens' (RIBEIRO, 1996, p. 123).

As observações desse autor são fundamentais para que se possa compreender a complexidade destes fluxos migratórios, pois não há clareza nem sobre as origens espaciais desses imigrantes. Como Ribeiro (1996) verificou em seu estudo, o fluxo migratório da população dos territórios africanos com o processo de descolonização das colônias portuguesas foi grande:

Esta migração, entretanto, deu-se sob a nacionalidade portuguesa, com Portugal como ponto de partida, para onde estes migrantes haviam sido afastados, face à ameaça do comunismo naqueles territórios e principalmente pelo reinício da guerra em Angola. Por esse motivo, para este período, o estudo da imigração de africanos oriundos das ex-colônias portuguesas no Brasil só é possível quando feita a partir da análise da imigração de portugueses. Para os demais países africanos, uma alternativa é a análise dos registros da imigração agrupados em 'outras origens' (RIBEIRO, 1996, p. 123).

Uma dessas realidades - que tenho vindo a procurar construir como objecto de estudo - é essa comunidade imaginada que dá pelo nome imperfeito de *lusofonia*. Aqui, a possibilidade de um pensamento histórico e comparado torna-se tão evidente que nos espantamos com a ausência de estudos e pesquisas. Na verdade, se exceptuarmos alguns trabalhos sobre o “império” e a “colonização”, não há uma reflexão sistemática a partir desta categoria de análise, que sobrepõe momentos de uma história comum e identidades culturais partilhadas (por adesão ou por rejeição).

A nossa localização em África, na América e na Europa - em países tão diversos, *ligados* pela distância - concede-nos um estatuto muito especial, abrindo uma série de possibilidades ao inquérito histórico e comparado. Não se trata de nos considerarmos como um “caso peculiar”, que confirmaria ou infirmaria certas teses. Trata-se de assumirmos que a nossa especificidade pode ser elaborada conceptualmente e trabalhada como campo teoricamente *conhecível* (NÓVOA, 2001, p. 169).

A abordagem das questões propostas implicou a continuidade do trabalho adotando a mesma abordagem de pesquisa anterior: recorrendo aos relatos orais de imigrantes e de seus familiares, em complementaridade a outras fontes escritas e iconográficas, de modo a melhor compreender esses novos fluxos migratórios e os processos de inserção das famílias.

A complexidade dada pela temática e pelas questões investigadas levou-nos a optar mais uma vez pela diversidade e complementaridade das fontes; a diversidade de fontes compreendendo relatos orais e imagens torna-se fundamental, especialmente pela riqueza que a complementaridade entre as mesmas pode permitir. Em outros estudos, pudemos constatar como documentos escritos (livros, jornais, levantamentos de dados em arquivos de instituições etc.) podiam nos levar aos informantes e ajudar na realização de entrevistas, mas os informantes com seus relatos nos levaram também a novos documentos, dos quais muitas vezes eram os únicos possuidores, e à formulação de novas questões.

Nesse processo, o documento escrito e o documento iconográfico, embora pré-existent no tempo, datados de épocas passadas, só entraram no tempo da pesquisa, isto é, no tempo presente, através dos documentos orais [...]. A complementaridade entre as fontes está presente, mesmo porque ela já existe na própria construção dos documentos orais, seja antecedendo-os com questões que suscita, seja deles resultando, pelo processo de interação entre pesquisador/pesquisado que permite a exposição e utilização do que ficou guardado ou, muitas vezes, até esquecido. De qualquer maneira, esta complementaridade é necessária, pois através destas diferentes fontes poderemos acompanhar o registro que se efetiva em momentos distintos... O fato de lidarmos com fontes distintas nos remete ainda à questão de que, desta forma, também temos condições de recorrer a fontes escritas já usuais podendo explorá-las sob novas perspectivas. O deslocamento de enfoque que as fontes orais nos colocam permite trabalharmos com os arquivos e fontes existentes com uma riqueza muito maior, procurando vê-los sob novos contextos e questões (DEMARTINI, 1994 p. 273-275).

Os mais recentes trabalhos na área da história da vida cotidiana também têm indicado que a exploração de fontes as mais diversas e até pouco usuais pode resultar em estudos fundamentais e instigantes. Do ponto de vista sociológico (se é que podemos distinguir nitidamente nestes estudos o que é sociológico do que é histórico) podemos afirmar que a busca e análise de fontes diferenciadas (relatos orais, documentos escritos e imagens) permitem um desvendamento maior da realidade do grupo estudado, por possibilitarem a apreensão de múltiplas facetas e visões dos sujeitos nelas envolvidos.

Como são processos mais recentes, a possibilidade de entrevistar os próprios imigrantes se colocava como também as entrevistas com a segunda geração. Essa metodologia tem sido por nós adotada em estudos imigratórios com ótimos resultados (DEMARTINI, 1999, 2004).

O fato de considerarmos neste estudo também a imigração vinda da África nos remeteu às questões da própria história africana e de suas especificidades. É interessante observar como esta tem se desenvolvido de maneira diferente da europeia, colocando aos pesquisadores novos desafios metodológicos; continuando o pensamento de Wesseling (1994), transcrito acima, vê-se que a tradição oral foi um dos recursos mais utilizados pelos historiadores:

A mais famosa das técnicas desenvolvidas para promover novas fontes para a história africana foi, é claro, o estudo da tradição oral. Neste caso, a publicação de Jan Vansina, *De la tradition orale. Essai de méthode historique*, em 1961, marcou época. Rapidamente traduzida para o inglês (*Oral tradition*, 1965), o livro teve um tremendo impacto sobre a história africana. No meio termo entre o ingênuo e o cético, Vansina desenvolveu um método para a utilização da tradição oral de um modo crítico, assim propiciando o seu emprego em escritos históricos sérios. Vansina dividiu a tradição oral em cinco categorias (formulários, poesia, inventários, narrativas, comentários), cada uma com várias subdivisões. Declarava que a história oral não deveria ser aceita tacitamente, só devendo ser utilizada após uma verificação crítica, prestando-se atenção ao impacto da importância social, dos valores culturais e da personalidade dos escritores. Deveria também, tanto quanto possível, ser colocada em confronto com outras fontes, como, por exemplo, achados arqueológicos ou documentos escritos. Alguns historiadores (e antropólogos) eram mais céticos a respeito da tradição oral e acreditavam, com o devido respeito a Vansina, que ele superestimava suas possibilidades, mas é inegável que sua obra e suas idéias influenciaram enormemente a história africana (WESSELING, 1994, p. 112).

Em virtude de nossa experiência anterior de pesquisa junto a grupos de imigrantes e considerando essas questões, julgamos que uma das fontes fundamentais para nosso estudo seriam as fontes orais. Nessa direção, trabalhar com as biografias dos imigrantes provenientes da África apresentou-se como um caminho bastante promissor para o desenvolvimento de questões sobre esses períodos de transformação.

Utilizamos o que denominamos de histórias de vida resumidas (DEMARTINI, 1988), pois nos pareceram mais adequadas para o tratamento do período considerado.

Não sabíamos o que os imigrantes iriam relatar (em verdade, nunca sabemos com antecedência e há poucos estudos sobre esses temas, como já apontamos) e, ao optarmos pelas histórias de vida, podemos aprofundar ao longo das entrevistas as temáticas que nos parecerem mais importantes ao esclarecimento das questões. Como já afirmamos em outro momento, aproximamo-nos cada vez mais da proposta de Piselli (1998) em seu estudo sobre as migrações na Itália e Portugal, isto é, da perspectiva que analisa a imigração em termos situacionais e dinâmicos, examinando histórias de vida, trajetórias e genealogias, envolvendo as parentelas de imigrantes em complexos estratégicos de sobrevivência e mobilidade social. Numa aproximação mais antropológica, procuramos restaurar aos atores um papel ativo em promover e gerenciar as mudanças a eles referentes, isto é, verificar a complexidade nas análises e situações realizadas (SAYAD, 1991; PAIS, 1986).

Também optamos por trabalhar nesta pesquisa com a perspectiva da diversidade de sujeitos para a apreensão de aspectos da vivência e cotidiano desses imigrantes portugueses em São Paulo, pois esse caminho já se mostrou extremamente fértil nos estudos anteriores por nós realizados com imigrantes japoneses e portugueses (DEMARTINI, 1996, 1997, 2001a). Em estudos como os que realizamos, é impossível trabalhar com amostras ou até com indivíduos selecionados de um dado grupo; no caso da Primeira República, desconhecemos os destinos e paraderos daqueles que para cá vieram; mas, mesmo tendo entrevistado aqueles imigrantes ou famílias que conseguimos localizar de maneiras diversas, pudemos verificar que se há algumas semelhanças em alguns aspectos do processo migratório, há muitas diferenças na forma como se inseriram no contexto metropolitano, tanto entre os japoneses como entre os portugueses. Essa perspectiva foi se configurando como a opção mais indicada durante o processo de pesquisa, visando explorar as diferenças e especificidades dos sujeitos investigados. Assim, procuramos também na presente pesquisa ir além das indicações dadas pelas primeiras pessoas entrevistadas (que constituiriam uma rede de entrevistados possivelmente com algumas características e relações em comum) e insistir na procura de novos sujeitos, que nos permitissem visualizar os vários campos de inserção dos imigrantes e suas famílias no novo contexto. Esta não é tarefa fácil, pois a procura de cada nova pessoa envolve contatos, esperas, acertos etc., até que se concretizem em relatos orais, fotos e documentos. Com relação aos fluxos recentes, essa tarefa tornou-se mais difícil.

Paralelamente às entrevistas com os imigrantes, procuramos também investigar as instituições a que os mesmos se vincularam após sua chegada e as que por ventura tenham criado, tanto no município de São Paulo como nos municípios do ABC por meio dos levantamentos dos endereços das associações sociais desses municípios (CÂMARA, 1999, p. 4-6).

As informações estatísticas sobre tais fluxos, como já nos alertava Ribeiro (1996), parecem ser realmente deficitárias. Segundo informações da Polícia Federal de São Paulo (registros de estrangeiros feitos na cidade de São Paulo), não existem dados disponibilizados sobre a entrada de imigrantes ano a ano. Desse modo, a pesquisa a partir dos relatos dos próprios imigrantes assumiu uma importância fundamental, visto não serem eles historicamente anotados em nossas estatísticas atuais. Martins (1992) já escreveu sobre o censo dos esquecidos, ao referir-se a

imigrantes do ABC do final do século XIX e início do XX. Como podemos chamar agora esses “novos” esquecidos? Por que não há mais interesse em registrar ano a ano o fluxo de imigrantes e sua origem? Considerando-se a atual grande disponibilização de recursos da informática para tal finalidade, a questão se torna mais séria e de difícil resposta. Não são apenas “esquecidos”; seriam “apagados” da história? Ou, melhor, “rejeitados”?

No tocante à documentação escrita iniciamos o levantamento de dados pela fonte que nos pareceu mais adequada para essa primeira aproximação: a grande imprensa paulista. Para tanto, relacionamos os dois jornais que, além da grande tiragem e circulação no contexto paulista, já haviam sido citados em artigos e livros referentes à imigração de portugueses nesse período: a *Folha de S. Paulo* e o *Estado de S. Paulo*. Procuramos delimitar os anos em que foram mais fortes os fluxos migratórios motivados pelos movimentos de independência das antigas colônias portuguesas na África e pelo movimento revolucionário em Portugal.

A literatura relacionada à temática foi outra fonte que optamos por incorporar na pesquisa, considerando principalmente a pequena produção resultante de pesquisas voltadas diretamente para a mesma. Decidimos investir na procura de obras referentes às questões da pesquisa que tivessem sido escritas antes, durante ou após a eclosão dos movimentos que resultaram nos fluxos migratórios focalizados. Esse trabalho apresentou-se, desde seu início, como tarefa a ser realizada mediante contatos com outros pesquisadores, visitas a sebos, consultas a sites de diferentes bibliotecas etc. Mas é importante ressaltar que muitos livros que foram sendo localizados chegaram ao nosso conhecimento por meio dos próprios entrevistados, evidenciando mais uma vez a importância de incorporar no estudo diversas fontes, que, de alguma maneira, dialogam durante o processo.

Alguns entrevistados trouxeram consigo – e nos apresentaram – os livros divulgados pela própria propaganda política salazarista e, sobretudo, os livros censurados durante o Estado Novo produzidos por colonos portugueses ou africanos brancos e negros, ou importados de Portugal, da França ou do Brasil. Outros tantos nos apresentaram textos e poesias de protesto de sua própria autoria, em que recordam e denunciam as brutalidades levadas a cabo tanto pelo órgão de repressão do regime português (a saber, a PIDE/DGS) como pelos rebeldes engajados nas guerrilhas de “libertação”.

Os livros selecionados para a presente abordagem tratam todos de assuntos políticos e, mais especificamente, sobre a questão do colonialismo português e da luta pela independência das províncias ultramarinas. São diversas as suas características e os estilos neles expressos, podendo se apresentar como **literatura ficcional** – romance ou conto –, como **poesias de protesto** – explícito ou velado –, como **literatura de testemunho** – exemplificada por biografias, autobiografias ou relatos de guerra – ou mesmo como **estudos historiográficos**, **etnográficos** ou **sociológicos** que muitas vezes carregam consigo “tiques de linguagem”, expressões e visões de mundo de cariz ideológico (em grande parte como lapsos involuntários), os quais mascaram os ranços de uma pretendida “vovação civilizadora” do povo português. Tais livros podem ainda se apresentar, sobretudo, como literatura política, seja em forma de **panfleto** ou **manifesto**, de **tratado** político ou **libelo**. Todos esses

livros, uma vez identificados e relacionados com seus leitores, lançam uma luz adicional sobre as características e as clivagens internas dessa importante corrente migratória de portugueses e africanos – representada por refugiados que formam entre si subgrupos, estratificados em termos culturais, sociais, econômicos, políticos e ideológicos – vindos para o Brasil em função de um processo histórico de descolonização primordialmente político ou, ainda, geopolítico, ou do processo de derrubada da ditadura salazarista.

Também estão sendo localizados e anotados os discursos políticos da época, material que poderá contribuir para uma visualização das diferentes ideologias e ações estatais presentes naquele momento.

Em nossos estudos anteriores sobre portugueses e seus descendentes, nosso *lucus* foi a cidade de São Paulo. Mas decidimos ampliar a pesquisa atual para alguns municípios da Grande São Paulo pois, no período desses novos fluxos migratórios, essa região teve uma grande expansão, ligada especialmente ao crescimento do parque industrial: a região do ABC, isto é, os municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul.

Essa região está diretamente vinculada à história da industrialização em São Paulo. Como sintetiza Martins (1992):

Uma outra relação fundamental entre a história do subúrbio e a História foi estabelecida pela industrialização. A indústria paulistana, no século XIX, fluiu mais ou menos depressa ao longo da ferrovia, num extenso trecho, em direção à Serra. Na última década do século, já havia indústrias instaladas em São Caetano e na região da então estação de São Bernardo, hoje Santo André, no meio de uma área agrícola recentemente renovada pela presença do imigrante italiano. Portanto, duas ocorrências diretamente relacionadas com as profundas transformações que a sociedade brasileira começou a sofrer pouco antes do final do Império e que se tornaram marcos de sua história (p. 12).

Singer assinalava, em 1968, que a partir de 1950 essa região passou a integrar a Grande São Paulo, considerando-se o critério de continuidade urbana.

Estudos urbanísticos ainda em curso (60) mostram que o grande São Paulo, em 1930, se restringia a uma parte do distrito de São Paulo, que em 1940 êle tinha atingido certos subdistritos da Capital (Guaianases, São Miguel), que só em 1950 êle se expande ao longo da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí para os lados de São Caetano e Santo André e que apenas por volta de 1960 é que o Grande São Paulo passa a abranger Guarulhos e os municípios ao longo da Estrada de Ferro Central do Brasil, como Poá, Ferraz de Vasconcelos, Itaquaquecetuba e Suzano. O critério destes estudos para definir o Grande São Paulo é o da continuidade urbana, verificada a partir da comparação de fotografias aéreas.

O estudo da dinâmica da expansão espacial da cidade mostra que ela se processa pela ocupação do solo ao longo das principais vias de penetração, que ligam o parque industrial paulistano aos mercados e às fontes de suprimento de matéria-prima. Esta expansão tentacular resulta, em última

análise, do próprio crescimento da indústria do Grande São Paulo, sendo o mecanismo impulsionador constituído pela elevação relativa dos preços do solo nas áreas mais centrais do aglomerado urbano. Na medida que este processo se desenrola, a economia industrial se espalha, lançando novos tentáculos em todas as direções (SINGER, 1968, p. 69).

A concentração do operariado na Grande São Paulo era muito evidente na década de 1960, atuando as indústrias de transformação como fortes atrativos para a mão-de-obra demandadora de emprego e mobilidade social, fosse ela nacional ou estrangeira (PEREIRA, 1965, p. 140-141).

A questão que se colocou, no âmbito deste projeto, foi: teria essa região do ABC também atraído o imigrante português, como constata na cidade de São Paulo, ao longo do século XX? E no período a ser analisado, a forte industrialização e urbanização do ABC propiciaram a inserção dos novos imigrantes portugueses? Em que atividades?

Sabemos que, assim como em outras regiões do Estado de São Paulo, os imigrantes portugueses são antigos também nessa região. Segundo consta, pertenceram aos núcleos coloniais imperiais (segunda metade do século XIX): São Caetano, São Bernardo e Ribeirão Pires, na freguesia de São Bernardo. Foram fundados em 1877, com o objetivo de atrair braços imigrantes. De 1879 a 1881, dentre 324 colonos que chegaram a Santos com esse destino, 40 eram portugueses, a maioria italianos (MONTEIRO, 1995, p. 128; MARTINS, 1992).

Não pretendemos neste estudo remontar às primeiras levas de imigrantes que chegaram à região do ABC; assinalamos, entretanto, que alguns estudos (especialmente a análise cuidadosa de documentos e de informações de moradores realizada por José de Souza Martins (1992) sobre a vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo, em que focalizou São Caetano, mas, englobando também a história de São Bernardo, permitem pensar que a região passou por uma grande transformação em sua composição demográfica ao longo do século XX; de cidades em que a maior parte da população era de origem italiana mantendo seus moradores uma extensa rede de parentesco e amizade (MARTINS, 1992, p. 295), passam São Caetano e São Bernardo a receber durante seu período de forte industrialização migrantes de várias regiões do país e de outros países, alterando provavelmente o cotidiano das famílias, as redes de sociabilidade e as instituições locais. São, portanto, diferentes os contextos em que os novos migrantes portugueses viriam a se inserir, o mesmo podendo-se afirmar com relação a São Paulo.

Ainda é preciso considerar que o período a ser analisado foi de grandes movimentações políticas em São Paulo e principalmente nessa nova região a ser considerada. O ABC paulista, por concentrar grande parte do operariado do estado, foi palco de importantes manifestações políticas.

A participação política dos trabalhadores não é nova nessa região. Martins (1992) chamou-nos a atenção para esse fato:

Finalmente, foi ali e na região que surgiu um dos primeiros núcleos consistentes de trabalhadores abertos para a importância política do poder local: em 1947, mesmo com o seu Partido na ilegalidade, os operários

comunistas, através de outra sigla, elegeram o prefeito e a maioria dos vereadores do antigo município de Santo André que, com exceção dos atuais municípios de São Bernardo do Campo e de Diadema, abrangia quase todo o atual ABC, embora tenham sido impedidos de tomar posse (p. 12-13).

A partir dessa época, como se sabe, essa participação foi crescente e determinante na história do país (MANFREDI, 1986).

Como bem nos lembra Martins (1992) nessa obra que citamos acima, o estudo do subúrbio é fundamental:

Na história local e cotidiana estão as circunstâncias da História. É nesse sentido que a história do subúrbio é uma *história circunstancial*. O que permite resgatá-la como História? A junção dos fragmentos da circunstância – quando a circunstância ganha sentido, o sentido que lhe dá a História. A história local não é uma história de protagonistas, mas de coadjuvantes. É nesse sentido, também, que a escala de tempo da história local não é a mesma escala dos grandes processos históricos. Por isso mesmo, os agentes e personagens da história local não podem captar imediatamente o significado histórico de suas ações, de seu trabalho e, até, de suas lutas (p. 13).

Referências bibliográficas

CABRAL, Manuel Villaverde. A matter of relevance: a set of proposals for comparative social research in the portuguese speaking community. In: ALMEIDA, Ana Nunes de (Ed.). ISA REGIONAL CONFERENCES, 14., 1997. Lisboa. Pre-Congress, p. 29-36.

CÂMARA Portuguesa de Comércio no Brasil. *Anuário 1999*. São Paulo: C.P.C.B., 1999.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Diferentes gerações de imigrantes e educação: uma opção metodológica. In: LANG, Alice B. da S. Gordo (Org.). *Realidade brasileira: várias questões, muitos olhares*. São Paulo: Humanitas/CERU, 2002. p. 133-151. (Coleção Textos, série 2, n. 9).

_____. Famílias portuguesas em São Paulo na Primeira República. *Cadernos CERU*, série 2, n. 12, p. 161-169, 2001a.

_____. Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais. In: SIMSON, Olga R. de Moraes von (Org.). *Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice/Ed. Revista dos Tribunais, 1988.

_____. Migrações e relatos orais: as potencialidades das entrevistas com gerações sucessivas. In: Rocha-Trindade, M. Beatriz; Campos, M. Christina S. de Souza (Orgs.). *Olhares lusos e brasileiros*. São Paulo: Usina do Livro/Universidade Aberta/CERU, 2003. p. 157-178.

_____. Nova leitura de velhas questões educacionais. In: DINIZ, Eli et al. (Orgs.). *O Brasil no rastro da crise*. São Paulo: Anpocs/IPEA/Hucitec, 1994.

_____. A questão da análise no processo da pesquisa. In: LANG, Alice B. da S. Gordo (Org.). *Desafios da pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Humanitas/CERU, 2001b. p. 49-72. (Coleção Textos, série 2, n. 8).

_____. Viagens vividas, viagens sonhadas: os japoneses em São Paulo na primeira metade deste século. In: LANG, Alice Beatriz da S. G. (Org.). *Família em São Paulo: vivências na diferença*. São Paulo: Humanitas/CERU, 1997. p. 77-95. (Coleção Textos, série 2, n. 7).

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri et al. Dilemas da vivência em nova terra: a educação, o lazer e o consumo cultural entre japoneses em São Paulo na primeira metade deste século. In: MEIHY, José C. Sebe (Org.). *(Re)introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo: FFLCH/USP, 1996.

HOBBSAWN, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Portugueses em Brasil em el Siglo XX*. Madri: Editorial Mapfre, 1994.

LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MANFREDI, Silvia Maria. *Educação sindical: entre o conformismo e a crítica*. São Paulo: Loyola, 1986.

MARTINS, José de Souza. *Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo, São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura, 1992. (São Caetano do Sul, série Histórica; 3).

MONTEIRO, Arlete Assumpção. *Santo André: dos primórdios à industrialização. Um estudo sobre os imigrantes ao longo da São Paulo Railway*. São Paulo, 1995. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

NÓVOA, António. Tempos da escola no espaço Portugal-Brasil-Moçambique: dez digressões sobre um programa de investigação. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 1, p. 160-186, jan./jun. 2001.

PAIS, José Machado. Paradigmas sociológicos na análise da vida cotidiana. *Análise Social*, v.22, n.90, p.7-57, 1986.

PEREIRA, Luiz. *Trabalho e desenvolvimento no Brasil*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

PISELLI, Fortunata. "International Migrations in Southern Europe (Italy and Portugal): theoretical approaches in methods of inquiry in Southern Europe". In: WORLD CONGRESS OF SOCIOLOGY, 14., Montreal, 1998. Pre-Congress Volumes.

RIBEIRO, José Teixeira Lopes. Migração internacional Brasil-África: Angola em destaque. In: PATARRA, Neide Lopes (Coord.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. Campinas: FNUAP/NESUR/NERO, 1996. p. 122-132.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. *Da emigração às comunidades portuguesas*. Lisboa: Conhecer, s.d. (Coleção Hoje & Amanhã – Temas Sociais; 15).

SANTOS, Boaventura de Sousa. Why is it so difficult to construct a critical theory? In: ALMEIDA, Ana Nunes de (Ed.). ISA REGIONAL CONFERENCES, 14., 1997. Lisboa. Pre-Congress, p. 37-44.

SAYAD, Abdelmalek. *L'immigration ou les paradoxes de l'alterité*. Paris: Universitaires, 1991.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife*. São Paulo: Nacional/Edusp, 1968. (Biblioteca Universitária, série 2, v. 22).

WESSELING, Henk. História de além-mar. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. 2.ed. São Paulo: Editora UNESP, 1994. p. 97-131.

Abstract: This article focuses on the current challenges that researchers which nowadays are studying the migration of Portuguese and Lusitan-African groups to São Paulo have to face. The studied period is after the Second World War, especially the decades of 70 and 80. At this moment to the economical motivation-always present-it must be added the political pressure of difficult and complex Portuguese and African realities that were important for the determination of these displacements, so different from the ones of the previous migration fluxes. The aim of this text is to explore the complex webs involved with these immigrant's coming from Africa and Portugal in this period, their insertion in the society of São Paulo and the relationship they set up with the old and established Portuguese "colony" that lived in São Paulo. The difficulties and the options for the approach of this theme are also discussed.

Keywords: methodology of research.recent migration. Portuguese and Lusitaniam-African immigrants.